



## Dossiê Religião e Arte

### Apresentação

Danilo Mendes<sup>1</sup>

Quando falamos em religião e em arte, pelo menos três aproximações entre esses mundos são possíveis. A primeira delas é quando a religião tematiza a arte, isto é, quando a arte é uma forma de um conteúdo religioso, seja ele explícito ou não. Essa aproximação fica clara quando pensamos nas mais diversas telas pintadas na Europa Medieval sobre temas bíblicos, no mercado de música gospel ou ainda nos filmes com temática religiosa de Bollywood. Antes dessas manifestações, ainda, temos em mente que as duradouras manifestações de fé das grandes religiões mundiais passam pela escrita de suas experiências e normas de forma poético-literária. Mais uma vez, aqui, a arte prossegue como forma de um conteúdo religioso, ou nas palavras de Leon Tolstói, “a arte é um órgão espiritual da vida humana” (1994, p. 144).

A segunda aproximação possível entre religião e arte é o inverso da primeira: quando a religião é uma forma de expressão da arte. Essa aproximação é bem mais sutil do que a primeira porque, geralmente, está implícita no encontro entre religião e arte. A religião manifesta conteúdos artísticos dentro de seus limites, por exemplo, nas canções dos terreiros, nas danças dentro de diversas religiões, ou nas pinturas sacras dentro de capelas e igrejas. A pontual diferença entre essas manifestações e as primeiras é o pertencimento ao âmbito delimitado para a religião, isto é, seu espaço sagrado. Onde a religião é óbvia, a arte subverte a relação e toma para si a mensagem.

A terceira aproximação entre religião e arte é quando as duas estão misturadas uma na outra a ponto de não sermos capazes de dividi-las e decidir o que pertence a quem. Essa se diferencia das outras duas porque aponta para um sentido essencial da relação: toda arte tem um sentido religioso e toda religião tem um sentido artístico. Ao mesmo tempo, nenhuma religião pode ser reduzida à arte e nenhuma arte pode ser reduzida à religião. As fronteiras que as separam, todavia, são porosas, indetermináveis, imapeáveis. Mark C. Taylor, por exemplo, diz que estética não pode ser separada das aspirações religiosas: “os artistas lutam para figurar o infigurável que a linguagem religiosa não pode expressar adequadamente. Ao fazê-lo, a arte se

---

<sup>1</sup> Doutorando e mestre em Ciência da Religião pela UFJF com bolsa CAPES.

torna uma educação estética cujo propósito é nada menos que a redenção”<sup>2</sup> (TAYLOR, 1993, p. 4). Nesse ponto de vista, não só arte e religião estão coligados, como trocam suas funções de modo que se tornam inseparáveis, ainda que irreduzíveis. No momento em que a arte visa à redenção, ela se torna escatologia – e nesse instante arte e religião são inseparáveis.

Independentemente de qual abordagem as aproxima, fato é que religião e arte estão conectadas nas mais diversas formas. Nosso dossiê é composto por onze artigos que, cada qual a seu modo, contribuem para o aprofundamento científico nessa relação em diferentes âmbitos. Para tanto, subdividimos os artigos em três seções: religião e literatura, religião e cultura visual, e religião e música. O primeiro, que conta com maior número de artigos, passa por temas como literatura russa, budismo, Grécia antiga, poesia mística e literatura portuguesa, demonstrando como a religião se articula em romances, contos, mitos e poemas. O segundo, por sua vez, conta com artigos sobre cinema e iconografia, atravessando tanto clássicos europeus quanto religiosidades ameríndias. Por fim, o último grupo de artigos se constitui em torno da música, seja em relação ao budismo, à dança ou a tradições amazônicas. A diversidade de temas, todavia, não torna nosso dossiê um trabalho demasiadamente geral ou pouco delimitado, mas demonstra a riqueza das inesgotáveis possibilidades de pesquisas sérias sobre o assunto e, sobretudo, com riquíssima qualidade proveniente de discentes.

O artigo que abre nosso dossiê, *Dos vales ao Simurgh: considerações simbólicas a respeito do trabalho interior* de Zara de Oliveira Freitas Magalhães Lyrio, propõe uma análise simbólica a respeito do percurso do trabalho interior com base no poema místico-filosófico *A Conferência dos Pássaros*, delineando os contornos da contemplação mística na poesia. Nosso segundo artigo, intitulado *Religião entre mistério e alteridade – uma leitura de O conto da ilha desconhecida de José Saramago* de Danilo Mendes traça paralelos entre a obra do autor português e conceitos filosóficos de J. Derrida e E. Levinás em relação ao conceito de religião.

*Literatura e produção de sentido: A morte de Ivan Ilitch e a abordagem hermenêutica do Bhagavad-gītā* de Isabela Barros Ribeiro propõe um diálogo intertextual entre as obras a partir do eixo do caráter de investigação existencial, e do sofrimento constatado em ambas as obras. Posteriormente, *Ponte de um só fio:*

---

<sup>2</sup> “artists struggle to figure the unfigurable that religious language cannot adequately express. By so doing, art becomes an aesthetic education whose purpose is nothing less than redemption”. Tradução nossa.



*diálogo religioso entre Fiódor Dostoiévski em Os Irmãos Karamázov e Ryūnosuke Akutagawa em O Fio da Aranha* de Pedro da Costa Fernandes, aproxima cristianismo e budismo analisando as representações particulares da ideia de soteriologia especialmente quanto à ideias de compaixão e redenção. Finalizando a seção de religião e literatura, apresentamos o artigo de Túlio Toledo e Luana Telles, *Dioniso: Uma Revisitação Ao Selvagem*, que busca analisar a simbologia presente nas figuras de Dioniso e de Penteu na tragédia de Eurípides, utilizando a peça como chave hermenêutica para compreensão da oposição entre o sentimento de *polis* e a experiência natural dionisíaca, vivenciada pelas mênades.

Prosseguindo com os artigos que relacionam a religião à cultura visual, iniciamos com *A religiosidade na obra de Theo Angelopoulos: aspectos da transcendência em A eternidade e um dia (1998)* de Carlos Eduardo Mendes de Araújo Couto, no qual o autor analisa a religiosidade, ainda pouco discutida, presente na obra desse cinematógrafo grego. Adiante, apresentamos *Uma análise sobre a religião e o medo em A Vila de M. Night Shyamalan* de Elaine Fátima de Souza, artigo que tem por objetivo analisar a religião em linguagem cinematográfica a partir dos símbolos das cores e do medo no filme. Essa seção se finaliza com o artigo de Luis Paulo dos Santos de Castro *Iconografia xamânica ameríndia na Amazônia antiga*, no qual o autor apresenta os caminhos e resultados de uma pesquisa sobre a arte na cultura material indígena da Amazônia do período pré-colonial, que foi encontrada por arqueólogos na região do município de Oriximiná (PA).

A última seção de nosso dossiê apresenta três artigos sobre as relações entre religião e música. Primeiramente, *O silêncio do som: o budismo Zen e a música de vanguarda* de Leonardo Stockler, interpretando os usos dados à experiência imanente do budismo Zen, o *satori*, no contexto da música de vanguarda do compositor americano John Cage. Posteriormente, *O louvor e a adoração a Deus com danças por Isabel Coimbra* de João Victor Mendes Carvalho analisa a percepção de dança como uma forma de culto difundida por Isabel Coimbra a partir de seu livro *Louvai a Deus com danças*. E, por fim, o artigo de Daniel Castro Montoya Flores, *A doutrina musicalizada da Barquinha: as relações entre música mediúnica e a constituição da cosmologia de uma tradição religiosa amazônica*, no qual o autor descreve o universo musical que vem sendo formatado nas diversas comunidades ligadas à Barquinha.



Com esses artigos buscamos contribuir com os estudos sobre religião e arte, bem como suas diversas seções como literatura, cultura visual e música, não apenas no campo da ciência da religião, mas também em áreas correlatas que também se debruçam sobre essa interessante e provocante relação. Agradecemos a leitura de nosso trabalho e contamos com futuras pesquisas que levem em consideração os textos aqui apresentados.

### **Referências**

TAYLOR, Mark C. *Nots*. Chicago: Chicago University Press, 1993.

TOLSTÓI, Leon. *O que é a arte?* São Paulo: Experimento, 1994.